

Medida muda as regras do jogo

Nova Iorque — A decisão do Citicorp de aumentar suas reservas em 3 bilhões de dólares foi classificada ontem em círculos financeiros como um hiato histórico no problema da dívida externa, semelhante às crises provocadas pelo México em 1982 e a moratória do Brasil em fevereiro passado.

“Isso muda completamente as regras do jogo: de agora em diante, as renegociações da dívida externa do terceiro mundo terão um novo disse o diretor de um centro de estudos financeiros que pediu para não ser identificado.

O New York Times classificou a decisão do Citicorp, a maior corporação bancária norte-americana, como “um divisor de águas” na história da crise da dívida, iniciada pelo México há cinco anos.

Numerosos analistas destacaram que a medida desvaloriza de fato toda a dívida do terceiro mundo em 20 por cento, refletindo assim, com mais precisão, seu verdadeiro valor no mercado secundário.

Altos funcionários de institutos internacionais vinculados ao problema da dívida, classificaram a decisão de positiva, ainda que tenham admitido, que ao fortalecer sua posição, o Citibank certamente forçará outros bancos a seguir seu exemplo, como provável resultado de que as negociações com os países devedores que não cumpram com seus pagamentos serão mais difíceis.

O outro lado da moeda é que os bancos estarão em melhor posição para reiniciar seus empréstimos aos países que paguem pontualmente suas dívidas, disse o responsável de assuntos brasileiros em um instituto universitário de estudos econômicos de Washington.

Essencialmente, tudo vai continuar dependendo do desempenho dos países devedores, e os bancos poderão olhar mais para o futuro que para o passado, com uma posição de maior força para exigir reformas econômicas do tipo aconselhado pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), disse o especialista.

Para os analistas não restam dúvidas de que a decisão do Ci-

ticorp foi precipitada por sua convicção de que a moratória brasileira poderá prolongar-se mais do que se havia antecipado, e eventualmente forçará os bancos a encaixarem novas reduções em seus ingressos este ano.

Igualmente, os especialistas estão convencidos de que o Citibank quis reforçar sua posição frente a eventualidade de negociações com o Brasil, com o objetivo de frear a tendência dos países endividados de exigir mais concessões em cada nova negociação.

Jonh Reed, presidente e principal executivo do Citicorp, admitiu que a decisão “pode ser mal interpretada como uma tática de negociação”, mas assegurou que esse não foi o objetivo.

Afirmou também que o banco não mudará sua posição frente aos países devedores e continuará apoiando o Plano Baker, que supõe a concessão de novos empréstimos aos países que adotem reformas econômicas apropriadas.

Reed declarou, entretanto, em fevereiro passado, que estava disposto a endurecer o enfoque das negociações com os países endividados, e manifestou-se firmemente contrário a sugestões de que os bancos reduzirão as taxas de juros aos países devedores ou considerarão como prejuízo parte de seus empréstimos.

Ao fundamentar a decisão anunciada terça-feira, Reed disse que o Citicorp convenceu-se de que os problemas da dívida externa “ficarão conosco até os anos noventa”, devido a persistência de uma série de fatores negativos na economia mundial.

Entre os sinais negativos, ressaltados em abril passado durante a reunião de primavera do FMI e do Banco Mundial, em Washington, figuram a tendência à alta das taxas de juros, o lento crescimento da economia global, que deprime os preços das matérias-primas, e as dificuldades para a redução dos déficits fiscal e comercial dos Estados Unidos, assim como seus desequilíbrios com outros países industrializados.